

Desabafo sincero na quarentena mortífera (XIII)

Ao nos aproximarmos dos dois meses de quarentena, comecei a sentir no apê da Barata Ribeiro, algo como uma atmosfera plácida e silenciosa muito estranha que prenuncia as grandes tormentas. Eu havia lido sobre esse fenômeno no Tesouro da Juventude do meu avô quando eu tinha 14 anos. É como se tudo ficasse, sem sabermos porque, estático, imóvel, a natureza parva, aguardando... os grandes terremotos, erupções vulcânicas e tsunamis.

Mesmo assim, ao acordar naquela manhã, o sol iniciando seus afazeres e puxando o canto dos recém chegados bem-te-vis da Barata Ribeiro, levantei animado pra fazer um café e oferecer à Dona Zilá (minha sogra). Ela já estava a postos, como em todas as manhãs, na sala, me aguardando. Marli (minha mulher) e Calissa (minha filha) jaziam em seus leitos sem perspectiva de ressurreição.

Dei bom dia e Dona Zilá prontamente respondeu. Estranhei porque ela ouve muito pouco, mas vi que ela já estava com o aparelhinho de surdez. Ao levar-lhe o cafezinho, ela agradeceu de forma solene, o que não é habitual, e pediu pra eu sentar de frente pra ela.

“Meu filho”, ela começou. “Nesse período em que estamos mais juntos, praticamente sem sair de casa, tenho observado seus modos. Esperei algumas semanas para me certificar de que eram atitudes rotineiras. Você sabe que eu gosto muito de você, é um bom marido e um bom pai. Por isso preciso lhe falar. É um desabafo sincero. Quando você vê televisão fica coçando o saco o tempo todo. Muitas vezes, quando levanta pra ir ao banheiro, enfia a mão por dentro das calças e parece mexer no ânus.” Falei: *“Dona Zilá...”*

Ela fez o gesto de espera com a mão e continuou. *“Deixa eu acabar de desabafar sinceramente. Quando você volta da farmácia e tira o tênis, você deixa na porta com um chulé desgraçado. Podia botar do lado de fora. Fica no computador tirando meleca o tempo todo. E eu vejo bem que às vezes você limpa o dedo nas calças. Já percebi que toda vez que você vai na cozinha você solta pum...”*

“Mas Dona Zilá, a senhora nem ouve bem...”.

“É, mas tenho nariz. Também, essa sua mania de palitar os dentes e depois comer de novo a carninha do palito é muito escroto...” ... “Dona Zilá...”

“É um desabafo sincero, já falei. Quando faz xixi não lava as mãos. Tem dia que não toma banho. Já vi colocar o cotonete cheio de cera no vasinho de plantas da janela. Em suas crises de espirro solta catarro pra todo lado, imagina se você tivesse coronavírus. Quando corta as unhas dos pés fica cheirando aquele carnegão debaixo da unha. E o pior de tudo... quando você me leva na farmácia eu vejo bem como você olha pra bunda daquela periquete do 311. Espero que você não fique chateado. É apenas um desabafo sincero. Eu te amo meu filho.”

Se terremoto, vulcão ou tsunami, o Tesouro da Juventude não mostrava as diferenças... ●●●